

A ORALIDADE COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O USO DA ENTREVISTA DE EMPREGO EM SALA DE AULA

Mauricélia Melo Souza¹
Tatiane Castro Santos²

RESUMO

No trabalho com a língua, cabe à escola demonstrar aos alunos que é através da linguagem que há interação entre sujeitos sociais, com o público da Educação de jovens e adultos (EJA), essa demonstração tem que se vincular à prática e função social enquanto ser ativo e que deseja melhorar suas condições de vida, principalmente no mercado de trabalho. Assim sendo, é fulcral no ensino da língua, o trabalho com gêneros textuais, tanto escritos quanto orais. Considerando que é por meio da linguagem que os sujeitos interagem, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho com a linguagem oral, para que o aluno possa desenvolver habilidades de letramento, nesse aspecto. Estabelecendo uma relação entre oralidade e letramento, elaboramos a proposta intervenção através da utilização da entrevista oral de emprego para alunos do 2º segmento da EJA de uma escola pública de Rio Branco – AC. O objetivo dessa proposta de intervenção é preparar o aluno para o uso eficiente da linguagem oral, formal, como prática de letramento através de atividades de elaboração, simulação e leitura de entrevistas de emprego, por entender que o referido gênero é significativo para a vida dos estudantes. Como embasamento teórico e metodológico nos apoiamos em autores como Bakhtin (2010) Dolz e Schneuwly (2004), Antunes (2009), Bortoni-Ricardo (2010; 2013), Marcuschi (2001, 2007, 2008), Kleiman (2005), Rojo (2009), entre outros referenciais.

Palavras-chave: EJA; Letramento; Oralidade; Entrevista de emprego.

ORALITY AS PRACTICE OF LETTERING IN EDUCATION OF YOUNG AND ADULTS (EJA): THE USE OF THE JOB INTERVIEW IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

In study of language it is up to the school to demonstrate to students that it is through language which there is interaction between the social subjects with young and adults (EJA) public, this demonstration needs to fit with the social practice and function while individuals which seeks to improve their living conditions, mainly in the labor market. Therefore, is essential in the language teaching the work with textual genres both written and oral. Whereas that it is through the language which subjects interact, this article has a proposal of work with the oral language so the reader can develop literacy skills in this aspect. Establishing a relationship between orality and literacy, they developed the intervention proposal through the utilization of the job interview to the students of the 2nd segment of EJA of a public school in Rio Branco - AC. The objective of this intervention proposal is prepare the student for the efficient use of oral language, formal, as a literacy practice by means of preparation, simulation and reading

¹ Acadêmica do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS – Universidade Federal do Acre. mauricelia.melo@hotmail.com

² Professora Doutora do curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS – Universidade Federal do Acre com a disciplina Alfabetização e Letramento. tatitcs@hotmail.com

of job interviews for understanding that the said gender is important for the life of the students. As a theoretical and methodological basis, we were supported by authors as Bakhtin (2010) Dolz and Schneuwly (2004) Antunes (2009), Bortoni-Ricardo (2010 e 2013), Marcuschi (2001, 2007, 2008.) Kleiman (2005), Rojo (2009) and other references.

KeyWords: EJA; Literature; Orality; Job interview.

INTRODUÇÃO

O uso da oralidade é indispensável na vida social e na prática escolar. Sabemos que é por meio dela que se dá a maioria dos eventos comunicativos na escola. Mas, o ensino voltado para esta modalidade da língua, ou seja, para o uso da oralidade no sentido de o aluno perceber as formas de usos e adequá-las conforme a necessidade, ainda não ocorre de forma tão sistematizada como necessário. Principalmente na Educação de jovens e adultos (EJA), os momentos de usos da fala ficam um pouco comprometidos, porque os alunos, em sua maioria, são tímidos, têm baixa autoestima e, muitas vezes, não conseguem se expressar com desenvoltura.

Portanto, o aluno de EJA necessita compreender e utilizar a linguagem formal para diferenciar os diferentes níveis de linguagem, adquirir melhores condições para ingressar no mercado de trabalho e, conseqüentemente, melhorar suas condições de trabalho, visto que, ao retornar à escola, seu principal objetivo é esse. Como relação ao poder da fala para o estudante adulto Freire e Macedo (1990) destacam que:

A língua dos alunos é o único meio pelo qual eles podem desenvolver sua própria voz, pré-requisito para o desenvolvimento de um sentimento positivo do próprio valor. A voz dos alunos jamais deve ser sacrificada, uma vez que é o único meio pelo qual eles dão sentido a própria experiência no mundo. (FREIRE; MACEDO, 1990 *apud* BORTONI-RICARDO; CASTANHEIRA, 2013, p 167)

A escola ainda é a principal instituição responsável por dar voz aos mais “excluídos”, já que é através da prática educativa que as pessoas conseguem sucesso e conquistas pessoais. Cabe, então, à escola preparar o aluno para o uso dessa “voz” de forma eficiente, para que ele não se sinta intimidado em fazer uso do discurso oral quando necessário. É isso que pretendemos mostrar neste trabalho. Mostrar que é possível fazer um trabalho quanto ao uso da oralidade em sala de aula, conforme sugerem Bortoni-Ricardo e Castanheira (2013) quando afirmam que cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas,

especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações etc.

Valorizando a oralidade em sala de aula, assim como as práticas escritas, a escola estará contemplando todos os aspectos que compõem a linguagem humana de forma sistematizada, principalmente na EJA, que é uma modalidade que oferece a oportunidade de recuperação dos estudos, sobretudo, para o aluno trabalhador que volta à escola, muitos, após vários anos de afastamento, para buscar melhoria em sua aprendizagem e em suas condições de trabalho. Nesse sentido, a educação vai cumprir o que diz a LDB (9394/96) em uns dos seus princípios básicos (XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais).

Se considerarmos que na interação social prevalece um maior uso da linguagem oral, saber usá-la de forma adequada poderá ajudar o aluno a melhorar seu desempenho social e pessoal. Marcia Porto (2009) assevera que quando consideramos a língua em sua perspectiva histórica social, o trabalho com oralidade deve se dar em situações reais de uso. Por conseguinte, a escola deve valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, partir do que eles já dominam para poder iniciar um trabalho mais formal, no qual “o aluno adulto precisa perceber-se como participante do diálogo da sala de aula e entender que a troca de experiências é o caminho para o avanço de seus limites” (BORTONIRICARDO; CASTANHEIRA, 2013, p.181).

Nesse quesito é possível afirmar que uma pessoa letrada sabe adequar a linguagem de acordo com a situação. Mas é possível haver relação entre oralidade e letramento? O termo letramento não se vincula somente a situações reais de escrita? Esses são alguns questionamentos que se fazem, muitas vezes, para destacar a relevância da escrita sobre a oralidade, porque a escola se prende, no ensino da língua, somente em relação as questões de leitura e escrita de diversos gêneros textuais escritos, destinando pouco ou nenhum espaço para o uso da fala de forma planejada.

No trabalho com o ensino da língua muitas vezes privilegia-se apenas um eixo de ensino da língua priorizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Conforme esse documento norteador, “os conteúdos de Língua Portuguesa articulam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem...” (PCN, 1998, p.34). De acordo com a orientação de um documento tão importante, como os PCN a atuação do estudo da linguagem pode ser assim esquematizada: USO □ REFLEXÃO □ USO.

Percebemos então, que, na escola, o uso da oralidade não obedece a essa proposição, já que, ainda não há, efetivamente, um trabalho com a oralidade com vistas à análise do uso em situações diversas. Com intuito de levar o aluno do EJA a refletir sobre a adequação da fala de acordo com o ambiente e situação, faremos aqui a proposição de um trabalho voltado para esse eixo de ensino da língua materna.

ORALIDADE E LETRAMENTO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

É possível haver uma relação entre letramento e oralidade, visto que esse termo surgiu para fazer relação ao domínio da prática social da escrita? Sabendo adequar a fala ao contexto situacional o aluno estará em um grau satisfatório de letramento? Se atualmente não podemos mais tratar do termo letramento apenas no singular, mas sendo possível falar de letramentos, torna-se se possível haver uma relação entre os dois termos. É o que nos confirma Marcuschi ao dizer: “O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem ‘letramentos sociais’ que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados” (2001, p.19), ou melhor, como pondera Rojo ao citar Buzato:

Letramentos são práticas sociais, plurais e situadas, que combinam oralidade e escrita de formas diferentes em eventos de natureza diferente, e cujos efeitos ou consequências são condicionados pelo tipo de prática e pelas finalidades específicas a que se destinam. (BUZATO, 2007, p. 153-154 apud ROJO 2009, p.101).

Não obstante, oralidade e o letramento não estabelecem uma relação de distanciamento, principalmente quando nos referimos à produção da fala para um evento comunicativo formal, aquele que vai além do ato de fala que se costuma utilizar em família e entre amigos, por exemplo. Ao estabelecer, indiretamente, uma relação entre oralidade e letramento Kleiman, cita esta, como “sequência de ações de evento de letramento” (2005, p. 41).

O conceito de letramento abre espaço para uma nova forma de conceber a relação entre oral e escrito. Foi postulada uma relação de continuidade – não de oposição – entre o oral e o escrito, perante as evidentes relações que existiam entre usos da língua falada e da língua escrita (KLEIMAN, 2005). A este respeito o trabalho de Marcuschi (2007), no livro *Fala e Escrita* cita estudiosos como Street (1993), que

orientou o uso dos termos “eventos de letramento” e “práticas de letramento”, baseado no “modelo ideológico de letramento”. Nesse estudo analítico, tendo ainda, como base diversos autores tais como: Shuman (1993), Barton e Hamilton (1998), Marcuschi, em suma, esclarece ao final de toda uma reflexão sobre relação entre oralidade e escrita que:

- a) não há uma dicotomia real entre oralidade e letramento, seja do ponto de vista das práticas sociais, dos fenômenos linguísticos produzidos e dos eventos nos quais ambas as práticas se acham presentes;
- b) oralidade e letramento são realizações enunciativas da mesma língua em situações e condições de produção específicas e situadas que exigem mais do que uma simples habilidade linguística, mas um domínio da vida social;
- c) letramento é uma prática social estreitamente relacionada a situações de poder social situada nos domínios discursivos e, muitas vezes, se acha fortemente imbricado com as práticas orais. (MARCUSCHI, 2007, p.54)

Com base nesses teóricos, fica evidente que a oralidade é uma prática social necessária, que ocorre tanto no padrão formal, quanto informal, sendo, portanto, uma prática fomentadora de letramento. A escola como fomentadora desse padrão ou nível de letramento estará fazendo com que a fala seja objeto de ensino e de reflexão sobre a língua, considerando neste estudo, portanto, o ensino da oralidade na perspectiva de um evento de letramento. Segundo Kleiman, o evento de letramento é:

Ocasião em que a fala se organiza ao redor dos textos escritos e livros, envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de usos da escrita da instituição. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição. (KLEIMAN 2005, p.23)

Assim, desenvolveremos uma proposta de intervenção que visa utilizar a entrevista de emprego para uma prática sistematizada de ensino e estudo da linguagem oral, enquanto aspecto formal da língua.

GÊNEROS TEXTUAIS E ORALIDADE: APORTE TEÓRICO

Existe uma infinidade de gêneros textuais. Todos de uso recorrente em nossa sociedade, tanto em situações orais, quanto escritas. A definição de gênero textual surgiu a partir dos estudos de Bakhtin que postulou:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as

finalidades de cada referido campo [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2010, p. 261-262)

Nesse sentido, podemos dizer que a delimitação dos gêneros orais enquanto objeto de estudo ganhou força nos estudos da língua as pesquisas de Dolz, Schneuwly e colaboradores, que trataram do tema. Estes autores tratam a oralidade numa relação similar à escrita. No livro *Gêneros Orais e escritos na escola*, podemos perceber a importância de trabalhar com os gêneros orais na escola, tanto quanto a escrita. Nele, os autores criaram um quadro em que englobam os gêneros escritos em consonância com os gêneros orais, criaram, também, um modelo de estudo chamado de sequência didática com sugestões de trabalho com os mesmos.

Os referidos autores acreditam que “gêneros são instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação (e aprendizagem)” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004 p. 143). Por conseguinte, sobre os gêneros na prática escolar consideram “que o gênero é que é utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e os objetos escolares, mas particularmente no domínio da produção de textos orais e escritos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004 p. 61).

A expressão oral, enquanto enunciado de grande prática social, deve ser elemento de estudo sistematizado. Mas como fazer para sistematizar a oralidade enquanto objeto de ensino? Quais são os gêneros orais propícios para a prática de estudo na escola?

Conforme já enfatizado, o ensino da oralidade e escrita deve estar baseado na sua função social de uso. Mas, por que a oralidade ainda não se tornou sistematizada na prática escolar, visto que alguns documentos oficiais e autores renomados já oferecem aos professores informações de trabalho com a oralidade? Talvez por ser a oralidade a primeira forma de comunicação entre os humanos, também pelo fato dos estudantes já chegarem à escola dominando a fala e, muitas vezes, conversas em excesso tornam-se atos de indisciplina, a escola ignora. Antunes ao analisar o trabalho com a oralidade em sala de aula, após identificar vários problemas, chegou à conclusão que há:

[...] uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do

atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público” (ANTUNES, 2009, p. 25).

No entanto, o que precisa ficar claro quanto ao trabalho com a oralidade é o respeito aos diferentes falares e sistematizar o uso da oralidade em seu aspecto formal de uso. A este respeito Dolz e Schneuwly (2004) esclarecem que:

Já que o papel da escola é, sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros de comunicação pública formal.(...) para nós, as características do oral decorrem de situações e das convenções ligadas aos gêneros.(...)características convencionais do funcionamento dos gêneros orais realizadas em público – características que são de diferentes de um para outro gênero (conto oral, conferência, homilia, debate, entrevista jornalística, entrevista profissional etc.) e cujo grau de formalidade é fortemente dependente do lugar social de comunicação, isto é, das exigências das instituições nas quais os gêneros se realizam (rádio, televisão. Igreja, administração, universidade, escola etc.) (2004, p.146).

Tudo isso é coerente, visto que os alunos já dominam as formas “populares” de uso da fala, necessitam ultrapassar esse quesito informal para um grau mais elevado, para poder, assim, estabelecer um paralelo entre os diferentes graus de formalidade e usar a língua falada da forma que melhor se adapte ao contexto situacional desejado ou solicitado na sua vida.

Gênero entrevista: o oral como essencial

A entrevista, como de conhecimento público, costuma ser veiculada nas emissoras de rádio e televisão, muitas vezes, também é publicada, ou melhor, transcrita em jornais impressos, sites e revistas. Sendo, portanto, de domínio jornalístico. No entanto, essa prática também é adotada por empresas ao fazerem seleção de pessoas para ocupar cargos de trabalho, sendo chamada de entrevista de emprego. Contudo, não perde a característica de ter um entrevistador e um entrevistado.

Ao definir o que seria entrevista, nos estudos dos gêneros orais, Dolz e Scheneuwly afirmaram que ela é “um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem interesse particular num dado domínio (entrevistado)” (2004, p.73).

Enquanto gênero oral, a entrevista deve ser trabalhada na escola para demonstrar

os papéis das pessoas envolvidas, os recursos utilizados na formulação das perguntas e, sobretudo o aspecto formal no tratamento entre entrevistador e entrevistado, os turnos de fala. Ao trabalhar a oralidade, o professor de português, de acordo com Antunes precisa “aceitar o caráter interacional da oralidade e sua realização em diferentes gêneros e registros textuais” (2009, p.100), observando a oralidade na prática social, o professor deve enfatizar situações de uso reais, com a necessidade de:

Planejar – mais ou menos – e realizar essas formas de atuação verbal requer competências que o professor precisa ajudar os alunos a desenvolver, para que eles saibam adequar-se às condições de produção e de recepção dos diferentes eventos comunicativos (ANTUNES, 2009 p. 100).

Com o intuito de levar o aluno a ter essas condições, é que se faz pertinente, na EJA, o trabalho com a entrevista de emprego, para oferecer ao aluno condições de sair bem numa seleção e, assim, conseguir uma vaga no mercado de trabalho, considerando que na entrevista de emprego o objetivo é:

Avaliar o conteúdo do discurso e um conjunto de informações não verbais utilizadas como critérios de avaliação, como postura, linguagem corporal, apresentação pessoal, fluência verbal, motivação e interesse pela vaga (...) (MELO, Psicólogo especialista em RH³).

Por conseguinte, saber se posicionar oralmente na entrevista de emprego é critério crucial para um bom desempenho e, conseqüentemente, ser selecionado para o cargo pretendido. Nesse trabalho com a oralidade, o aluno precisa adquirir a consciência de ser possível realizar adequações do discurso de acordo com as situações de fala. De acordo com Antunes:

É útil ressaltar que o discurso formal das situações públicas da interação oral (aquilo que comumente se chama “falar em público” precisa ser exercitado - em suas regularidades mais gerais -, pois tal discurso apresenta traços especiais, diferentes daqueles outros discursos do discurso informal, próprio das situações coloquiais e privadas (2009, p.103)

Entretanto, ao priorizar trabalhar a entrevista de emprego com foco no discurso formal é preciso ter cuidado para garantir o respeito às diversas formas de expressão, para não cair no cunho do preconceito linguístico. O que se pretende, neste trabalho, é o

³ Disponível em: <http://www.zap.com.br/revista/empregos/categoria/como-se-preparar-para-uma-entrevista/page/2/>. Acesso em 27/07/2017.

reconhecimento da adequação da linguagem, no âmbito da linguagem oral, utilizada nesse caso para se submeter a uma entrevista. E, conseqüentemente, que o aluno esteja apto, pois de acordo com Chiavenato, a seleção de pessoas funciona “como uma espécie de filtro que permite que apenas algumas possam ingressar na organização, aquelas que apresentam as características desejadas pela organização” (2010, p. 143). Sendo que, geralmente, as empresas prezam pela linguagem padrão, tanto na oralidade quanto na escrita.

Proposta de intervenção

Sobre a preocupação com o trabalho com gêneros orais na escola, o autor Marcuschi (2008), no livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, reflete sobre o que os autores genebrinos orientam com relação ao ensino da oralidade na sala de aula:

Dolz & Schneuwly preocupam-se em fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula, e todo esforço volta-se para a consecução desse objetivo. Central é a metodologia utilizada para construir o que ficou conhecido nessa escola como *ensino por sequências didáticas*, realizado com base em gêneros textuais diversos, especialmente os gêneros orais mais elaborados. Para tanto os autores desenvolvem uma noção de gênero, concebido como um *instrumento de comunicação*, que se realiza em textos. [...]. (MARCUSCHI, 2008 p. 211.)

Assim, utilizaremos a metodologia da sequência didática para trabalhar o gênero oral entrevista de emprego, pois o mercado de trabalho é um alvo pretendido pela maioria dos alunos da EJA. Também, a fim de demonstrar uma prática de letramento com a oralidade, sendo este, um eixo fundamental para o ensino da língua, aplicaremos esta sequência a partir das orientações dos especialistas, pois o procedimento sequência didática “é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Sequência didática do gênero oral entrevista de emprego (EE)

Publico alvo: alunos da EJA – 2º segmento – módulo IV - Escola pública de Rio Branco

Duração: 15 horas - 5 encontros de 3 horas cada.

Atividade 1 : Introdução e apresentação da proposta de atividade

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

1.1. Fazer levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos.

Questionar se sabem o que é uma entrevista? Como esta se relaciona com o emprego? Quem já participou de entrevista de emprego? Se alguém tiver participado indagar: O que achou? Que perguntas lembra que fizeram? Como se sentiu na entrevista?

1.2. Assistir aos vídeos indicados abaixo, sobre entrevista de emprego, e, após a exibição dos vídeos, fazer comentários sobre a temática, dicas dadas, e fazer oralmente uma caracterização do que seria uma entrevista. Após esses momentos, socializar a proposta de trabalho para os próximos encontros.

a) Saiba como se comportar numa entrevista de emprego:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9ct7uMcmny0&feature=related>. Acesso em: 12/08/2017

b) Entrevista de emprego, o que devo fazer?



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CuA5qmo9Xt0>. Acesso em: 13/08/17

c) 10 perguntas mais usadas em entrevistas de emprego



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gZXY8EzroY8>. Acesso em: 17/08/2017

Atividade 2 - Primeira produção

2.1. Primeira produção: simulação de entrevista seguindo as orientações dos vídeos vistos anteriormente e, a partir da socialização das experiências dos colegas.

Formar grupos com até 4 membros para que possam simular, de forma alternada, entrevista de empregos para trabalhar nos cargos que serão escolhidos pelo grupo ou que podem ser sorteados após a indicação de profissões que gostariam de exercer.

- a) Escolher quem será o entrevistar e o entrevistado.
- b) Elaborar perguntas para a entrevista de acordo com o cargo pretendido.
- c) Encenar a entrevista, alternando entre os participantes do grupo, e apresentar para a classe, se possível, gravando a apresentação.
- d) Socialização para comentar sobre as dificuldades encontradas na elaboração da entrevista.

Atividade 2.2. Sobre o procedimento anterior à entrevista - Currículo

Esclarecer aos alunos que só serão convocados para uma entrevista de emprego se, antes, tiverem entregado um currículo e que seu perfil se encaixe na necessidade da empresa. Sendo, portanto, necessário conhecer este instrumento textual. Assim, em forma de leitura tutorial, que “é aquela em que o professor exerce papel de mediador durante o processo de leitura e compreensão” (BORTONI – RICARDO, MACHADO; CASTANHEIRA, 2010, p.51), faremos a análise de um texto currículo, verificando os

seus elementos. O professor pode utilizar o que tem no livro didático do aluno – Caminhar e transformar – Língua Portuguesa (2013, p.168) ou usar como apoio slides online, material significativo à disposição na Rede⁴.

Atividade 3: O Gênero entrevista: o oral frente a frente

3.1 Ler uma entrevista impressa ou do livro didático para explorar as características do gênero entrevista, sua estrutura e aspectos formais da oralidade.

Explicar as características presentes em uma entrevista oral, principalmente diferenciando o uso da linguagem formal da informal.

3.2. Responder, oralmente, às questões sobre a entrevista:

a) identificando quais as formas linguísticas usadas pelo entrevistador para iniciar e encerrar a entrevista;

b) observar as perguntas feitas: Sem retomar resposta do entrevistado; Retomando as respostas do entrevistado; Para enfatizar informações já mencionadas;

c) com relação ao nível de linguagem, que em geral numa entrevista é formal, observar: que pronome de tratamento é utilizado; que tempos verbais predominam; que formas de linguagem utilizadas nas perguntas costumam-se usar no dia a dia; há marcas de hesitação ou de reformulação nas perguntas? E nas respostas?

Atividades 4: Aspectos para formulação de perguntas

4.1. Leitura compartilhada (com questionamentos, antes, durante e depois da leitura) do texto da revista exame: “As 25 perguntas mais criativas de entrevista de emprego⁵;

4.2. Pronomes Interrogativos (usos);

Reconhecer esses termos nas perguntas feitas e entender um pouco o uso desses.

4.3. Preparação de questões para a produção oral final;

Voltar aos grupos e refazer ou aprimorar as questões da entrevista inicial para utilizar na entrevista final, que será gravada.

Atividade 5: Produção final e apresentação dos trabalhos

⁴ Disponível em: <https://www.slideshare.net/HenriqueMendes1/elaborao-de-curriculo-apresentao-pessoal-e-entrevista-de-emprego>. Acesso em: 05/08/2017.

⁵ <http://exame.abril.com.br/carreira/25-perguntas-de-entrevista-de-emprego-muito-criativas/>. Acesso em: 16/08/2017.

- 5.1. Gravação final da entrevista via meios tecnológicos (celular, câmera digital etc.);
- 5.2. Exposição, pelos grupos, na sala de aula da versão final das entrevistas de emprego, em data show ou outro recurso de projeção de vídeo.
- 5.3. Destinar um momento para conversarem sobre a experiência, ouvindo os alunos sobre o que aprenderam, sobre toda a sequência didática, sobre suas expectativas.

Considerações finais

Da mesma forma que os gêneros de tradição escrita, os orais também possuem relevância social, os quais não podem ser desconsiderados pela escola e outras instituições de uso da linguagem, pois acarretaria prejuízos às relações pessoais nas diferentes esferas, sendo a fala, uma das maiores propulsoras da comunicação. Sendo assim, cabe à escola oferecer condições para que os alunos, em especial da EJA, ampliem seu repertório oral e, conseqüentemente, o nível de letramento, já que, consideramos este fator como também determinante da elevação do nível de letramento. Pois saber adequar a linguagem às diferentes situações de uso, contribui para ampliação dos letramentos.

A atividade proposta é de extrema relevância aos discentes da EJA, por serem pessoas que não tiveram acesso à educação sistematizada em idade própria, tendo, portanto, dificuldade de, muitas vezes, se expressar verbalmente, por isso ficam de fora do mercado de trabalho.

Portanto, esperamos que a partir, dessa proposta de atividade os alunos ampliem seus letramentos no que se refere à fala. Já que, acreditamos que, além de estarem aptos para participar com segurança de uma entrevista de emprego, podem participar, de fato, dos eventos de letramento nas mais variadas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português, encontro e interação**. 2. Ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Saete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Disponível em: http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2014/GT07/GT_07_x21x.PDF.

FERREIRA, Priscila Ramos de Azevedo. **Caminhar e transformar** – língua portuguesa anos finais do ensino fundamental: Educação de Jovens e Adultos. 1ª ed. – São Paulo:FTD, 2013.

FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. BORTONI-RICARDO, Stella Maris; RIBEIRO MACHADO, Veruska (Org). **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005.

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Pró-Letramento**: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e Linguagem. Fascículo 5: o lúdico na sala de aula: projetos e jogos. Brasília, 2008. Disponível em [www.http://portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br).

PORTO, Márcia. **Mundo das ideias**: um diálogo entre os gêneros textuais/ Márcia Porto; Ilustrações Felipe Grosso, Renato Teixeira. – Curitiba: Aymará, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.